

LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DA TWENTIETH CENTURY FOX

COM AMOR, SIMON

inrínseca



Becky
Albertalli:

COM AMOR, SIMON

Becky
Albertalli:

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2015 by Becky Albertalli
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

TÍTULO ORIGINAL

Simon vs. the Homo Sapiens Agenda

PREPARAÇÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Guilherme Bernardo
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Chris Bilheimer

ARTE DE CAPA

Alison Klapthor

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

E-ISBN

978-85-8057-893-5

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça o outro título da autora](#)

[Leia também](#)

Para Brian, Owen e Henry, o porquê de eu escrever histórias de amor.



É UMA CONVERSA estranha e sutil. Quase não percebo que estou sendo chantageado.

Estamos nos bastidores, sentados em cadeiras dobráveis de metal, quando Martin Addison diz:

— Li seu e-mail.

— O quê? — Eu levanto o rosto e olho para ele.

— Mais cedo. Na biblioteca. Não foi de propósito, é claro.

— Você leu meu e-mail?

— Ah, eu usei o computador logo depois de você — diz ele. — Quando acessei o Gmail, entrou na sua conta. Você devia ter encerrado a sessão.

Fico olhando para ele, estupefato.

— Mas, então... por que usar um nome falso? — pergunta ele, batendo com o pé na perna da cadeira.

Bem, eu diria que um nome falso serve justamente para impedir que pessoas como Martin Addison fiquem sabendo da minha identidade secreta. É óbvio que funcionou perfeitamente.

Ele deve ter me visto sentado ao computador.

E eu devo ser um idiota monumental.

Ele dá um sorriso.

— Enfim, achei que você fosse gostar de saber que meu irmão é gay.

— Hã. Na verdade, não.

Ele olha para mim, e eu pergunto:

— O que você está tentando dizer?

— Nada. Olha, Spier, não tenho problema nenhum com isso. Não é nada de mais.

Só meio desastroso, na verdade. Ou quem sabe uma merda de um desastre épico, mas isso vai depender da capacidade de Martin ficar de bico calado.

— Isso é muito constrangedor — comenta ele.

Não sei o que responder.

— Enfim — prossegue —, é bem óbvio que você não quer que as pessoas saibam.

Bem. Acho que não. Embora essa coisa toda de sair do armário no fundo não me assuste.

Acho que não.

É uma caixa gigantesca cheia de constrangimento, e não vou fingir que anseio por esse dia. Mas provavelmente não seria o fim do mundo. Não para mim.

O problema é que não sei como seria para Blue. Se Martin contasse para alguém. Blue é do tipo reservado. O tipo de cara que não esqueceria de encerrar a sessão do e-mail. O tipo de cara que talvez jamais me perdoasse por ser tão descuidado.

Acho que estou tentando dizer que não sei como seria para nós. Para Blue e eu.

Mas realmente não consigo acreditar que estou tendo essa conversa com Martin Addison. De todas as pessoas que poderiam ter acessado o Gmail depois de mim... Você precisa entender que, para começar, eu jamais teria usado o computador da biblioteca, só que bloqueiam o wi-fi na escola. E hoje foi um daqueles dias em que eu não podia esperar até chegar em casa e usar meu laptop. Eu não podia esperar nem chegar ao estacionamento e abrir o e-mail no celular.

Porque hoje cedo eu tinha mandado um e-mail da minha conta secreta para Blue. E era um e-mail meio que importante.

Eu só queria ver se ele tinha respondido.

— Acho que as pessoas levariam numa boa — diz Martin. — Você devia ser quem você é.

Nem sei por onde começar a responder. Um hétero que mal me conhece está me aconselhando a sair do armário. Sou praticamente obrigado a revirar os olhos.

— Tá, tudo bem. Não vou mostrar para ninguém — acrescenta ele.

Por um minuto, fico estupidamente aliviado. Mas aí eu me toco.

— Mostrar?

Ele fica vermelho e mexe na manga da camisa. Alguma coisa na expressão dele faz meu estômago se revirar.

— Você... você fez uma captura de tela, por acaso?

— Ah, então, eu queria conversar com você sobre isso.

— Espera aí... *você fez uma captura de tela?*

Ele aperta os lábios e olha para um ponto atrás de mim.

— Enfim — diz. — Eu sei que você é amigo da Abby Suso e queria pedir...

— É sério isso? Acho que a gente devia voltar para a parte em que você me

explica por que fez uma captura de tela dos meus e-mails.

Ele hesita.

— Ah, é que estou aqui imaginando se você não quer me ajudar a falar com a Abby.

Quase dou uma gargalhada.

— Como é que é? Você quer que eu vá falar bem de você para a Abby?

— É, quero.

— E por que diabo eu faria isso?

Ele olha para mim, e de repente eu me toco. Esse negócio com a Abby. É isso o que ele quer de mim. Em troca de não divulgar a droga dos meus e-mails.

E os de Blue.

Meu Deus. Acho que, para mim, Martin era inofensivo. Um pouco nerd e esquisito, para ser sincero, mas não num sentido ruim. E sempre o achei meio hilário.

Só que agora não estou achando graça nenhuma.

— Você vai mesmo me obrigar a fazer isso...

— Obrigar? Fala sério. Não é assim.

— Então como é?

— Não é nada. Sabe, eu gosto dessa garota. E só estava pensando que talvez você quisesse dar uma ajudinha. Me convidar para alguma coisa quando ela estiver junto. Sei lá.

— E se eu não fizer isso? Você vai postar os meus e-mails no Facebook? Na merda do Tumblr?

Ah, não. O Tumblr creeksecrets: a fonte de fofoca da Creekwood High School. Em um dia a escola toda ficaria sabendo.

Nós dois ficamos em silêncio, até que Martin acaba dizendo:

— Só acho que estamos numa situação em que podemos ajudar um ao outro.

Eu engulo em seco.

— Chamando Marty — diz a sra. Albright, no palco. — Segundo ato, cena três.

— Pense no assunto.

Ele dobra a cadeira.

— Ah, claro que vou pensar. É uma oportunidade imperdível — digo.

Ele olha para mim. E fica em silêncio.

— Não sei o que você quer que eu diga — acrescento.

— Ah, sei lá.

Ele dá de ombros. E acho que nunca houve momento tão oportuno para encerrar uma conversa. Mas, quando seus dedos tocam a cortina, ele se vira para mim de repente.

— Só por curiosidade: quem é Blue?

— Ninguém. Ele mora na Califórnia.

Se Martin pensa que vou entregar Blue, ele está doido.

Blue não mora na Califórnia. Mora em Shady Creek e estuda na nossa escola. Blue não é o verdadeiro nome dele.

Ele é uma pessoa. Pode até ser alguém que eu conheço. Mas não sei quem. E não sei se quero saber.

* * *

E não estou com o menor saco de aguentar minha família hoje. Falta uma hora para o jantar, ou seja, uma hora tentando fazer meu dia na escola virar uma série de historinhas engraçadas. Sério. Não posso chegar e falar do cuecão que deram no professor de francês, ou que Garrett deixou a bandeja cair no refeitório. É preciso toda uma performance. Conversar com meus pais é mais cansativo do que ter um blog.

Mas é engraçado. Eu adorava a falação e o caos antes do jantar. Agora, só quero que acabe logo. Principalmente hoje. Eu passo em casa e só fico tempo suficiente para colocar a guia na coleira de Bieber e sair com ele.

Estou tentando relaxar ao som de Tegan and Sara no iPod, mas não consigo parar de pensar em Blue e Martin Addison e no desastre total que foi o ensaio hoje.

Então Martin está a fim de Abby, assim como todos os outros nerds héteros das outras turmas. E ele só está me pedindo que eu o leve quando sair com ela. Não parece nada de mais quando penso por esse ângulo.

A não ser pelo fato de que ele está me chantageando. E, por extensão, chantageando Blue. É essa a parte que me dá vontade de sair chutando o que aparecer na minha frente.

Mas Tegan and Sara me acalma. Andar até a casa de Nick me acalma. O ar está com aquela sensação fria de começo de outono, e as pessoas já estão colocando abóboras nas escadas das varandas. Adoro isso. Sempre gostei, desde criança.

Bieber e eu atravessamos o quintal de Nick e entramos no porão. De frente para a porta tem uma televisão enorme, na qual os templários estão levando uma surra. Nick e Leah estão cada um em uma poltrona de balanço, jogando video game. Parece que estão ali a tarde toda.

Nick pausa o jogo quando eu entro. Isso é uma coisa legal nele. Nick pode não

largar um violão por você, mas pausa o video game.

— Bieber! — exclama Leah.

Em segundos, meu cachorro se acomoda, todo desajeitado, com a bunda no colo dela, a língua para fora e as patas da frente batendo. Ele fica que nem pinto no lixo perto de Leah.

— Não, tudo bem. Pode cumprimentar o cachorro. Finge que não estou aqui.

— Owenn... Você também está precisando de uma coçadinha na orelha?

Eu abro um sorriso. Isso é bom, as coisas estão normais.

— Você encontrou o traidor?

— *Matei* o traidor — diz Nick, dando tapinhas no controle.

— Legal.

Sério, não há nenhuma parte de mim que se importe com o bem-estar de assassinos, templários ou de qualquer personagem de jogos. Mas acho que preciso disso. Preciso da violência dos video games e do cheiro desse porão e da sensação familiar que Nick e Leah me transmitem. O ritmo da nossa fala e nossos silêncios. A falta de objetivo das tardes de outubro.

— Simon, Nick não ficou sabendo do cuecão.

— Ahhhhh. *Le cuecão. C'est une histoire magnifique.*

— Tradução, por favor? — pede Nick.

— Ou pantomima — diz Leah.

Acontece que sou incrível em encenar cueções épicos.

Então talvez eu goste mesmo de performances. Um pouquinho.

Acho que essa sensação de passeio de sexto ano com Nick-e-Leah está começando a me contagiar. Não sei explicar. Mas é que, quando estamos só nós três, temos esses momentos perfeitos e bobos. Não tem espaço para Martin Addison. Não tem espaço para segredos.

Bobos. Perfeitos.

Leah rasga a embalagem de papel de um canudinho. Ela e Nick estão com um copo gigante de chá gelado do Chick-fil-A. Faz um tempo que não vou lá. Minha irmã ouviu falar que eles doaram dinheiro para campanhas contra gays, então meio que comecei a me sentir mal de comer lá. Mesmo que o milk-shake de Oreo deles seja um pote gigante de delícia cremosa. Não que eu possa comentar isso com Nick e Leah. Não falo sobre assuntos gays com ninguém. Só com Blue.

Nick toma um gole do chá e boceja. Na mesma hora, Leah tenta acertar um pedacinho da embalagem do canudo na boca dele, que logo a fecha.

Ela dá de ombros.

— Continue bocejando, Bela Adormecida.

— Por que você está tão cansado? — pergunto.

— Porque eu curti muito ontem à noite. A noite toda. Sem parar.

— Curtiu muito o trabalho de cálculo, né?

— ME DEIXA, LEAH.

Ele se inclina para trás, bocejando de novo.

Dessa vez a bolinha de papel de Leah acerta o canto da boca.

Ele joga a bolinha de volta nela e diz:

— Então, estou tendo uns sonhos esquisitos.

Arqueio as sobrancelhas.

— Eca. Guarda pra você.

— Não... não esse tipo de sonho.

Leah fica vermelha.

— Não, sabe — continua Nick —, esquisito mesmo. Eu estava no banheiro, colocando as lentes, e não conseguia identificar qual era de qual olho.

— Tá. E depois, o que acontecia?

A voz de Leah sai abafada, porque ela está com o rosto enterrado nos pelos do pescoço de Bieber.

— Nada. Eu acordei, coloquei as lentes normalmente e ficou tudo bem.

— Esse é o sonho mais sem graça do mundo, Nick — diz ela. — Não é exatamente por isso que colocam “D” e “E” nos estojinhos das lentes?

— Ou talvez as pessoas deversem usar óculos logo e parar de tocar nos globos oculares.

Eu me sento de pernas cruzadas no tapete. Bieber pula do colo de Leah e vem até mim.

— E porque seus óculos deixam você a cara do Harry Potter, né, Simon?

Uma vez. Eu só falei isso uma vez.

— Bem, acho que meu inconsciente está tentando me dizer alguma coisa. — Nick não consegue mudar de assunto quando entra no modo intelectual. — Obviamente, o tema do sonho é a visão. O que não estou enxergando? Quais são meus pontos cegos?

— Seu gosto musical — sugiro.

Nick se recosta na poltrona e toma mais um gole do chá.

— Vocês sabiam que Freud interpretava os próprios sonhos quando estava desenvolvendo sua teoria? E que acreditava que todos os sonhos são uma forma de realização inconsciente das vontades?

Leah e eu nos entreolhamos, e sei que estamos pensando a mesma coisa. E não importa, ele pode até estar falando um monte de besteira, mas fica meio irresistível quando está nessa onda filosófica.

É claro que tenho uma política rigorosa de não me apaixonar por caras héteros. Em especial por caras comprovadamente héteros. Enfim, tenho uma política de não me apaixonar por Nick. Mas Leah se apaixonou. E isso gerou

todos os tipos de problema, principalmente agora que Abby entrou na história.

No começo, eu não entendia por que Leah odiava Abby, e perguntar diretamente o motivo não foi a melhor tática.

“Nossa, ela é *demais*. Afinal, é líder de torcida. E é tão linda e magra... Ela é muito incrível, não é mesmo?”

Você precisa entender que ninguém domina a arte da indiferença como Leah.

Mas acabo reparando em Nick trocando de lugar com Bram Greenfeld no almoço, uma troca calculada, planejada para potencializar suas chances de se sentar perto de Abby. E, depois, nos olhos. Os famosos olhares demorados e apaixonados de Nick Eisner. Já vimos essa história nauseante com Amy Everett no fim do nono ano. Mas preciso admitir que tem alguma coisa fascinante na intensidade nervosa de Nick quando ele está a fim de alguém.

Quando vê esse olhar no rosto de Nick, Leah se fecha.

O que significa que existe um bom motivo para eu ser a amiguinha casamenteira de Martin Addison. Se Martin e Abby ficarem juntos, talvez o problema de Nick acabe. Aí, Leah vai poder relaxar, e o equilíbrio será restaurado.

Então, não se trata só de mim e de meus segredos. Não tem nada a ver comigo.



PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: quando você soube

É uma história bem sexy, Blue. Sabe, o ensino fundamental é um show de horrores sem fim. Ah, talvez não sem fim, porque já acabou, mas deixa marcas na psique da gente. Não importa quem você seja. A puberdade é impiedosa.

Fiquei curioso. Você chegou a ver o cara depois do casamento do seu pai?

Não sei muito bem como foi comigo. Foram várias coisinhas. Por exemplo, um sonho estranho que tive com Daniel Radcliffe. E a obsessão que eu tinha pelo Passion Pit no fundamental, que depois percebi que não era bem por causa da música.

No oitavo ano, tive uma namorada. Foi um daqueles “namoros” em que você nem sai com a menina fora da escola. E, mesmo na escola, não faz nada. Acho que ficávamos de mãos dadas. Fomos ao baile de fim de ano juntos, mas meus amigos e eu passamos a noite toda comendo Doritos e espiando as pessoas debaixo da arquibancada. Em determinado momento, uma garota aleatória chegou para mim e disse que minha namorada estava na frente do ginásio me esperando. Eu tinha que ir até lá me encontrar com ela, e acho que a gente devia dar uns amassos. Daquele jeito de colégio, beijo com a boca fechada.

Meu momento de maior orgulho: saí correndo e me escondi no banheiro, feito uma criança ridícula. Fiquei dentro da cabine, com a porta fechada, encolhido em cima do vaso para minhas pernas não aparecerem por baixo. Como se as garotas fossem invadir o banheiro atrás de mim. Juro para você, fiquei lá a noite toda. E nunca mais falei com a minha namorada.

Ainda por cima, era Dia dos Namorados. Porque uma coisa que eu tenho é classe. Então, para ser totalmente sincero, eu já sabia naquela época. Só que tive mais duas namoradas depois disso.

Sabia que este é oficialmente o e-mail mais longo que já escrevi? Sério. Você deve ser a única pessoa que recebe mais do que 140 caracteres de mim. Isso é meio incrível, né?

Enfim, acho que vou acabar por aqui. Não vou mentir. Hoje foi um dia meio estranho.

Jacques

<ENVIADO 17 OUT 00:06>

PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com
DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: quando você soube

Eu sou a única pessoa? É meio incrível mesmo. Me sinto honrado, Jacques. É engraçado, porque também não costumo mandar e-mails. E nunca falo sobre essas coisas com ninguém. Só com você.

Acho que seria bem deprimente se o momento do qual você mais se orgulha na vida tivesse sido no

ensino fundamental. Você nem imagina quanto odiei essa época. Lembra como as pessoas olhavam para a gente com aquelas expressões vazias e diziam “Então táááá” depois que você terminava de falar? Só para deixar claro que, não importava o que você estivesse pensando ou sentindo, estava completamente sozinho. A pior parte, claro, era que eu fazia o mesmo com os outros. Fico meio nauseado só de lembrar. Basicamente, o que estou tentando dizer é que você devia pegar leve consigo mesmo. Éramos todos horríveis nessa época.

Respondendo à sua pergunta, eu vi o cara algumas vezes depois do casamento, acho que umas duas vezes por ano. Minha madrastra faz um monte de reuniões familiares e tal. Ele está casado, e acho que a mulher está grávida. Só não foi muito constrangedor porque a coisa toda aconteceu na minha cabeça. Impressionante, né? Uma pessoa pode despertar sua crise de identidade sexual e não fazer a menor ideia disso. Ele ainda deve pensar em mim como o enteado esquisito de doze anos da prima.

Acho que a pergunta é meio óbvia, mas vou fazer mesmo assim: se você sabia que era gay, como acabou tendo outras namoradas?

Que pena que seu dia foi estranho.

Blue

<ENVIADO 17 OUT 20:46>

PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: quando você soube

Blue,

Lembro bem, o temido “táááá”. Sempre acompanhado de sobrancelhas lá no alto e a boca retorcida em um cuzinho condescendente. E é verdade, eu também falava. A gente era muito ridículo no fundamental.

Acho que a coisa das namoradas é meio difícil de explicar. Tudo foi acontecendo. O relacionamento do oitavo ano foi uma confusão, claro, então foi diferente. Quanto às outras duas: basicamente, elas eram amigas minhas, aí eu descobri que gostavam de mim e começamos a namorar. Depois, acabou. Foram elas que me largaram, e foi tudo bem indolor. Ainda sou amigo da garota que namorei no primeiro ano.

Mas, sinceridade? Acho que no fundo namorei essas meninas porque não acreditava cem por cento que era gay. Ou achava que não seria algo definitivo.

Sei que você deve estar pensando: “Táááá.”

Jacques

<ENVIADO 18 OUT 23:15>

PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com
DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: O obrigatório...

Táááááááááááááááááá.

(Sobrancelhas, boca de cu, tudo.)

Blue

<ENVIADO 19 OUT 8:01>



A PIOR COISA nessa história do Martin é que não posso contar para Blue. Não estou acostumado a guardar segredos dele.

Claro, tem um monte de coisas que não contamos um para o outro. Nós conversamos sobre todos os assuntos importantes, mas evitamos detalhes que possam revelar nossa identidade, como nomes de amigos e qualquer coisa específica demais sobre a escola. Todas as coisas que eu achava que me definiam. Mas não penso nelas como segredos. O que temos é mais uma espécie de acordo tácito.

Se Blue fosse mesmo um aluno do segundo ano da Creekwood, com armário, boletim e perfil no Facebook, tenho certeza de que eu não estaria contando nada para ele. Claro que ele é mesmo um aluno do segundo ano na Creekwood. Eu sei disso. Mas, de certa forma, ele mora no meu laptop. É difícil explicar.

Fui eu que o encontrei. Logo no Tumblr. Foi em agosto, bem quando as aulas estavam começando. Os alunos postavam confissões anônimas e pensamentos aleatórios secretos no creeksecrets, e as pessoas podiam comentar e tudo o mais, e ninguém julgava você. Só que entrou em decadência: virou um buraco de fofocas e poesias ruins e citações bíblicas escritas errado. Mas é meio viciante mesmo assim.

Foi lá que encontrei a postagem de Blue. Acabei me identificando. E acho que nem foi só a coisa de ser gay. Sei lá. Tinha umas cinco linhas, mas tudo escrito em uma gramática correta, além de estranhamente poético, e diferente de qualquer outra coisa que eu já tivesse lido.

Acho que foi a solidão. E é engraçado, porque não me vejo como uma pessoa solitária. Mas havia algo muito familiar no jeito como Blue descreveu o sentimento. Foi como se ele tivesse arrancado as ideias da minha cabeça.

Ele falou sobre como você pode decorar os gestos de uma pessoa, mas nunca saber o que se passa na cabeça dela. E ter a sensação de que todos somos como casas com aposentos enormes e janelas pequenininhas.

Sobre como você pode se sentir muito exposto, de uma forma ou de outra.

Sobre como ele se sente tão escondido e tão exposto, em relação a ser gay.

Senti um pânico e uma vergonha estranha quando li essa parte, mas também uma faísca de empolgação.

Ele falou sobre o oceano entre as pessoas. E que o objetivo de tudo é encontrar uma margem até a qual valha a pena nadar.

Eu precisava conhecer esse cara.

Demorei um pouco, mas reuni coragem para postar a única coisa em que consegui pensar, que foi: “É ISSO.” Em letras maiúsculas mesmo. E coloquei meu endereço de e-mail. Da minha conta secreta do Gmail.

Passei a semana seguinte obcecado, me perguntando se ele entraria ou não em contato. E ele entrou. Um pouco depois, me contou que meu comentário o tinha deixado meio nervoso. Ele é muito cuidadoso com as coisas. Bem mais cuidadoso do que eu, diga-se de passagem. Resumindo: se Blue descobrir que Martin Addison tem capturas de tela dos nossos e-mails, tenho certeza de que vai surtar. Mas de um jeito bem Blue.

Ou seja, vai parar de me escrever.

Eu me lembro exatamente da sensação de ver aquela primeira mensagem dele na caixa de entrada. Foi meio surreal. Ele queria saber mais sobre mim. Durante os dias seguintes na escola, me senti um personagem de filme. Quase conseguia imaginar um close do meu rosto projetado na telona.

É estranho, porque na realidade eu não sou o protagonista. Talvez o melhor amigo.

Acho que nunca me considere interessante até me tornar interessante para Blue. Então, não posso contar para ele. Prefiro não perdê-lo.

* * *

Martin. Durante a semana inteira, na aula e no ensaio, percebo que ele tenta fazer contato visual comigo. Sei que é um pouco de covardia. Essa situação toda faz com que eu me sinta um covarde. E um idiota, porque já decidi que vou ajudá-lo. Ou ceder à chantagem. Como você preferir chamar. Isso me deixa com o estômago embrulhado.

Passo o jantar inteiro distraído. Meus pais estão bem alegres, porque é noite de *The Bachelorette*. Estou falando muito sério. O reality show, sabe? Nós todos vimos o episódio de ontem, mas hoje nos reunimos por Skype com Alice, que está em Wesleyan, para comentar o que aconteceu. É a nova tradição da família Spier. Eu não poderia estar mais ciente do quão completamente ridículo é isso.

Mas sei lá. Minha família sempre foi assim.

— E como estão Leo e Nicole? — pergunta meu pai, mordendo o garfo.

Trocar o gênero de Leah e Nick é um clássico do humor do meu pai.

— Estão ótimos — digo.

— Risos, pai — comenta Nora, sem graça.

É minha irmã mais nova. Ultimamente, ela vem soltando expressões típicas da internet durante as conversas ao vivo, embora não as use na internet propriamente. Acho que está tentando ser irônica. Ela olha para mim e diz:

— Simon, você viu Nick tocando violão no pátio?

— Acho que Nick está tentando arrumar uma namorada — diz minha mãe.

Engraçado, mãe, porque, olha que coisa... eu estou tentando impedir Nick de ficar com a garota de quem ele gosta para que Martin Addison não conte para a escola toda que eu sou gay. Por acaso já comentei que sou gay?

Por onde começar a contar uma coisa dessas?

Talvez fosse diferente se morássemos em Nova York, mas não sei ser gay na Georgia. Estamos perto de Atlanta, então podia ser pior. Mas Shady Creek não é exatamente um paraíso progressista. Na escola, tem só um ou dois caras assumidos, e as pessoas são muito cruéis com eles. Não chegam a ser violentas, mas a palavra “bicha” é usada algumas vezes. E tem umas garotas lésbicas e bissexuais, mas acho que com garota é diferente. Talvez mais fácil. Se tem uma coisa que o Tumblr me ensinou é que um monte de caras acha o máximo quando uma garota é lésbica.

Se bem que o contrário também acontece. Tem garotas como Leah, que fazem desenhos *yaoi* a lápis de vários garotos e postam em sites.

E acho que não me incomodo com isso, pois os desenhos dela são incríveis.

E Leah também gosta de fanfiction slash, o que despertou em mim curiosidade suficiente para procurar algumas na internet no verão passado. Eram tantas opções que nem dava para acreditar: Harry Potter e Draco Malfoy se pegando de milhares de formas diferentes, em todos os armários de vassouras de Hogwarts. Escolhi as que tinham uma gramática decente e passei a noite toda lendo. Foram semanas estranhas. Foi nessas férias que aprendi a lavar roupa. Certas meias que não devem ser lavadas pela sua mãe.

Depois do jantar, Nora configura o Skype no computador da sala. Na imagem, Alice parece meio desgredada, mas deve ser por causa do cabelo, louro-escuro e bagunçado. Nós três temos cabelo ridículo. Ao fundo, a cama de Alice está desarrumada e coberta de travesseiros, e alguém comprou um tapete peludo e redondo para cobrir o pouco espaço livre do piso. Ainda é estranho imaginar Alice dividindo um quarto de alojamento com uma garota desconhecida de Minneapolis. Quem iria imaginar que um dia eu veria alguma coisa relacionada

a esportes no quarto da minha irmã mais velha? Minnesota Twins, isso aí.

— Vocês estão pixelados. Vou... Não, espera aí, ficou bom. Ai, meu Deus, pai, isso é uma rosa?

Nosso pai está segurando uma rosa vermelha e rindo para a webcam. Não estou brincando. Minha família é profissional quando o assunto é *The Bachelorette*.

— Simon, faz sua imitação do Chris Harrison.

Acredite: minha imitação do Harrison é completa e simplesmente genial. Pelo menos em circunstâncias normais. Mas não estou em um dos meus melhores dias.

Estou muito tenso. E não só por Martin ter registrado os e-mails. É pelos e-mails em si. Estou me sentindo meio estranho desde que Blue perguntou sobre a história das namoradas. Será que ele acha que sou uma farsa? Tenho a impressão de que, depois que ele percebeu que era gay, não saiu mais com garotas e foi simples assim.

— Então Michael D. alega ter usado a suíte fantasia para conversar — diz Alice. — Nós acreditamos nisso?

— Nem por um minuto — responde papai.

— Eles sempre dizem isso — acrescenta Nora.

Ela inclina a cabeça, e só agora percebo que tem cinco piercings na orelha, de cima a baixo.

— Não é? — continua Alice. — Mas você não vai dizer o que acha, Bub?

— Nora, quando você fez isso? — pergunto, tocando o lóbulo de minha orelha.

Ela fica um pouco vermelha.

— Semana passada, acho.

— Deixa eu ver — exige Alice, e Nora vira o rosto. — Uau!

— Mas... por quê? — pergunto.

— Porque eu quis.

— Mas, tipo, por que tantos?

— Podemos voltar ao assunto “suíte fantasia”? — sugere ela.

Nora fica sem jeito quando é o centro das atenções.

— É a suíte fantasia — digo —, é claro que eles fizeram! Acho que a fantasia envolve mais do que conversar.

— Mas isso não quer dizer necessariamente cópula.

— MÃE. Pelo amor de Deus.

Acho que era fácil estar em relacionamentos em que eu não precisava pensar em todas as pequenas humilhações que decorrem do fato de se estar atraído por alguém. Eu me dou bem com garotas. Beijá-las é tranquilo. Namorar era algo

que eu conseguia fazer tranquilamente.

— E Daniel F.? — pergunta Nora, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Sério, esses piercings. Não entendo a Nora.

— Ele é o mais gato — comenta Alice.

Minha mãe e Alice vivem usando a expressão “colírio para os olhos” para se referir a essas pessoas.

— Você está falando sério? — questiona meu pai. — O gay?

— Daniel não é gay — protesta Nora.

— Garota, ele é uma parada gay de um homem só. Uma chama eterna.

Meu corpo todo se enrijece. Leah disse uma vez que preferia que as pessoas a chamassem logo de gorda a ficar ouvindo merda sobre o peso de alguma outra garota. E acho que concordo. Nada é pior do que a humilhação secreta de ser insultado por semelhança.

— Pai, para — pede Alice.

Então, do nada, ele começa a cantar aquela música, “Eternal Flame”, dos Bangles.

Nunca sei se meu pai está realmente falando sério quando diz esse tipo de coisa ou se só está tentando irritar Alice. Se ele pensa assim, acho que é melhor eu saber logo. Mesmo que eu não possa apagar essa informação depois.

* * *

A outra questão é a mesa no refeitório. Faz menos de uma semana que fui chantageado, mas sou abordado por Martin quando estou saindo da fila da comida com minha bandeja.

— O que você quer, Martin?

Ele olha para a minha mesa.

— Tem lugar para mais um?

— Humm. — Olho para baixo. — Na verdade, não.

Há um silêncio constrangedor.

— Já temos oito pessoas.

— Eu não sabia que os lugares eram marcados.

Não faço ideia do que dizer. As pessoas sempre se sentam nos mesmos lugares. Eu achava que fosse uma regra do universo.

Não se pode simplesmente mudar de mesa assim, do nada.

É um grupo estranho, mas funciona. Nick, Leah e eu. Os dois amigos de Leah,

Morgan e Anna, que leem mangá, usam lápis de olho preto e são basicamente a mesma pessoa. Anna e eu namoramos no nono ano, mas ainda acho que ela e Morgan são a mesma pessoa.

Tem também a completa aleatoriedade dos amigos de futebol de Nick: Bram, que é estranho e fica calado a maior parte do tempo, e o semibabaca do Garrett. E Abby. Ela morava em Washington, mas se mudou para cá no começo do ano letivo, e a química foi instantânea. Foi uma mistura de destino e trabalhos em grupo organizados por ordem alfabética de sobrenome.

Enfim, somos nós oito. Está fechado. Já tivemos que colocar duas cadeiras extras na mesa de seis lugares.

— Bem... — Martin se inclina para trás e olha o teto. — Acabou de me ocorrer que estamos na mesma sobre aquela questão da Abby, mas...

Ele ergue uma das sobancelhas e olha para mim com uma expressão séria.

Martin não especificou as condições da chantagem, mas claramente é algo como: ele pode pedir o que quiser. E eu tenho que fazer.

Que coisa maravilhosa.

— Olha, eu quero ajudar.

— Como você preferir, Spier.

— Escuta. — Abaixo o tom de voz; estou quase sussurrando: — Vou falar com ela, está bem? Mas você tem que me deixar resolver isso sozinho.

Ele dá de ombros.

Sinto seu olhar enfezado me acompanhar até a mesa.

Tenho que agir naturalmente, não posso comentar nada. Ou melhor, agora tenho que dizer alguma coisa sobre ele para Abby. Mas vai ter que ser o contrário do que eu realmente gostaria de dizer.

Talvez seja um pouco difícil fazer Abby gostar desse garoto. Porque eu mesmo não o suporto.

Mas acho que isso já não vem mais ao caso.

* * *

Só que os dias se passam, e eu ainda não encarei a situação de frente. Não falei com Abby nem chamei Martin para ficar com a gente ou tranquei os dois sozinhos numa sala de aula vazia. Não sei nem o que ele quer, para ser sincero.

Espero continuar sem saber disso pelo tempo que for humanamente possível. Só sei que tenho andado bem sumido. E fico grudado em Nick e Leah, para que Martin não venha falar comigo. Na terça, paro no estacionamento e Nora sai do

carro, mas eu continuo lá. Ela enfia a cabeça pela janela, perguntando:

— Ei, você não vem?

— Depois.

— Ok. — Ela hesita, e depois acrescenta: — Está tudo bem?

— Quê? Está.

Ela olha para mim.

— Nora, eu estou bem.

— Então tá.

Ela fecha a porta devagar e se encaminha para a entrada. Não sei. Nora é estranhamente observadora às vezes, mas me abrir com ela pode ser um pouco constrangedor. Eu nunca tinha percebido isso até Alice ir para a faculdade.

Fico mexendo no celular: vejo meu e-mail e uns vídeos no YouTube. Quando escuto uma batida na janela do carona, quase dou um pulo. Estou esperando ver Martin em qualquer lugar. Mas é só o Nick. Faço sinal para que ele entre.

Ele se senta ao meu lado e pergunta:

— O que está fazendo?

Evitando Martin.

— Vendo uns vídeos.

— Ah, cara. Perfeito. Estou com uma música na cabeça.

— Se for The Who — digo a ele —, Def Skynyrd ou qualquer coisa do tipo, sem chance!

— Vou fingir que você não acabou de dizer Def Skynyrd.

Adoro sacanear o Nick.

Acabamos vendo parte de um episódio de *Hora de Aventura*, só por ver, e acaba sendo a distração perfeita. Fico de olho no relógio, porque não quero perder a aula de literatura. Eu só não quero ficar de bobeira nesses minutos antes da aula, porque Martin poderia aparecer e puxar papo.

É engraçado. Sei que Nick percebe que tem alguma coisa errada, mas ele não pergunta nada. Com a gente é assim. Conheço seu tom de voz, suas expressões e seus hábitos mais simples. Seus monólogos existenciais aleatórios. A mania de bater o dedão na ponta dos dedos quando está nervoso. E acho que ele também sabe os mesmos tipos de coisa sobre mim. Nos conhecemos desde os quatro anos. Mas, sério, na maior parte do tempo não faço ideia do que se passa na cabeça dele.

Isso me faz lembrar um monte de coisas que Blue postou no Tumblr.

Nick pega meu celular e começa a olhar os vídeos.

— Se a gente achar um episódio com falas em versos alexandrinos, podemos matar a aula de literatura sem problemas.

— Hum, se a gente achar, vou usar *Hora de Aventura* na minha redação de

tema livre.

Ele olha para mim e começa a rir.

O caso é que não me sinto sozinho com Nick. É tranquilo. Então talvez seja uma coisa boa.

* * *

Chego cedo para o ensaio na quinta-feira. Saio pela porta lateral do auditório e vou até os fundos da escola. Está bem frio para a Georgia, e parece que choveu em algum momento depois do almoço. Mas aqui só há dois tipos de tempo, na verdade: um clima que pede casaco e outro em que você acaba usando casaco de qualquer jeito.

Devo ter deixado meus fones de ouvido na mochila, que ficou no auditório. Odeio usar o alto-falante do celular, mas ouvir música é sempre melhor do que não ouvir música. Eu me recosto na parede atrás do refeitório e busco na minha lista um EP da banda Leda. Ainda não escutei, mas Leah e Anna estão obcecadas por esse EP, o que só pode ser um bom sinal.

De repente, não estou mais sozinho.

— Beleza, Spier. Qual é a sua? — pergunta Martin, se recostando ao meu lado na parede.

— A minha?

— Acho que você está me evitando.

Nós dois estamos de All Star preto, e não consigo identificar se meus pés são pequenos ou se os dele é que são enormes. Martin deve ser quinze centímetros mais alto do que eu. Nossas sombras ficam ridículas lado a lado.

— Não estou evitando você — digo.

Eu saio andando na direção do auditório. Afinal, não quero irritar a sra. Albright.

Martin me alcança.

— Sério — diz ele —, não vou mostrar os e-mails para ninguém, tá? Para de surtar.

Mas acho que vou encarar isso com um milhão de pés atrás. Porque ele não falou que vai apagá-los.

Martin olha para mim, e não consigo interpretar sua expressão. É curioso. Há tantos anos eu estudo com esse garoto, dou risada das asneiras aleatórias que ele diz. Eu já o vi em várias peças na escola. Até nos sentamos um do lado do outro no coral durante um ano. Mas eu não o conheço direito. Na verdade, acho que

não o conheço nem um pouco.

Nunca subestimei tanto uma pessoa.

— Eu já disse que vou falar com ela.

Já estou com as mãos na porta do auditório.

— Espere! — pede Martin. Eu olho para ele, que está segurando o celular. — Não seria mais fácil se a gente pegasse o número de telefone um do outro?

— Eu tenho escolha?

— Ah...

Ele dá de ombros.

— Meu Deus, Martin!

Pego o celular dele e digito meu número esmagando as teclas, as mãos tremendo de tanta raiva.

— Legal! Vou ligar para você gravar o meu também.

— Você que sabe.

Maldito Martin Addison. Vou salvar o número dele como “Martírio Abominável”.

Entro no auditório, e a sra. Albright está no palco.

— Muito bem. Preciso de Fagin, Dodger, Oliver e os garotos. Primeiro ato, cena seis. Vamos.

— Simon! — Abby me abraça e cutuca minhas bochechas. — Nunca mais me abandone.

— O que eu perdi? — Abro um sorriso forçado.

— Nada — diz ela, baixinho —, mas estou no Inferno de Taylor aqui.

— O círculo mais louro do inferno.

Taylor Metternich. Ela é o pior tipo de pessoa perfeita. Como se a perfeição tivesse um lado negro. Não sei de que outra forma explicar. Sempre a imagino sentada em frente a um espelho à noite, contando escovadas de cabelo. Também é o tipo que posta no Facebook perguntando como você foi na prova de história. Não para dar força. Para saber sua nota.

— Tudo bem, rapazes — diz a sra. Albright. O que é hilário, porque Martin, Cal Price e eu somos os únicos no palco que tecnicamente se qualificam no comentário. — Prestem atenção, porque vamos fazer algumas marcações.

Ela afasta a franja dos olhos e a coloca atrás da orelha. A sra. Albright é bem jovem para ser professora, e seu cabelo é de um tom de ruivo intenso. Tipo, ruivo elétrico.

— A cena seis do primeiro ato é a do batedor de carteira, não é? — pergunta Taylor, porque ela é o tipo de pessoa que finge fazer uma pergunta só para mostrar o que já sabe.

— Isso — responde a sra. Albright. — Pode ir, Cal.

Cal é o diretor de palco. Ele é do segundo ano, assim como eu, e carrega um fichário azul gigantesco com uma cópia do roteiro, com espaçamento duplo e cheia de anotações. É engraçado que o trabalho dele seja basicamente dar ordens na gente e se estressar, porque ele é a pessoa menos autoritária que já conheci. Ele é meio delicado e tem sotaque sulista, coisa que, na verdade, quase não se vê em Atlanta.

Ele também tem o tipo de franja castanha desgrenhada que eu curto e olhos azul-escuros como o oceano. Nunca ouvi nada sobre ele ser gay, mas tem uma vibe.

— Certo — diz a sra. Albright. — Dodger acabou de fazer amizade com Oliver e está levando o garoto para o esconderijo pela primeira vez, para conhecer Fagin e os outros. Então. Qual é o objetivo de vocês?

— Mostrar a ele quem manda — diz Emily Goff.

— Talvez infernizar um pouco a vida deles? — sugere Mila Odom.

— Isso aí. Ele é o cara novo, e vocês não vão facilitar as coisas. Ele é um nerd. Vocês querem intimidá-lo e fazer a limpa nele.

Isso faz algumas pessoas rirem. Para uma professora, a sra. Albright é moderadamente incrível.

Ela e Cal nos colocam em posição; a sra. Albright chama isso de “arrumar a cena”. Eles querem que eu fique deitado em uma plataforma, apoiado nos cotovelos, jogando para cima uma bolsinha de moedas. Quando Dodger e Oliver entram, todos nós temos que dar um pulo e tentar pegar a sacola de Oliver. Tenho a ideia de enfiá-la debaixo da camisa e andar pelo palco com a mão na lombar, como se estivesse grávido.

A sra. Albright adora.

Todo mundo ri, e, sinceramente, esse é o melhor momento. Todas as luzes do auditório estão apagadas, menos as do palco, e estamos todos com os olhos brilhando e rindo como bêbados. Eu me apaixono um pouquinho por todo mundo. Até por Taylor.

Até por Martin. Ele sorri para mim quando nossos olhares se encontram, e tenho que abrir um sorriso para ele também. Martin é um merdinha puxa-saco, verdade seja dita, mas é tão desengonçado e inquieto e ridículo... Isso tira um pouco da paixão por odiá-lo.

É isso. Não vou escrever um poema em homenagem a ele. E não sei o que ele espera que eu diga para Abby. Não faço a menor ideia. Mas acho que vou pensar em alguma coisa.

O ensaio termina. Abby e eu nos sentamos na beirada do palco e ficamos balançando os pés, vendo a sra. Albright e Cal fazerem anotações no grande fichário azul. O último ônibus para o sul do condado só sai em quinze minutos, e

Abby leva uma hora para chegar em casa. O tempo que ela e a maioria dos alunos negros levam indo e voltando da escola todo dia é maior do que o tempo que eu levo em uma semana inteira. Atlanta é uma cidade tão segregada, mas ninguém nunca fala sobre isso.

Ela boceja e se deita no palco, colocando um dos braços embaixo da cabeça. Está usando uma meia-calça e um vestidinho estampado. O pulso esquerdo está cheio de pulseiras da amizade trançadas.

Martin está sentado do outro lado do palco, não muito longe, fechando a mochila tão devagar que só pode ser de propósito. Parece estar fazendo questão de não olhar para nós.

Abby está de olhos fechados. Ela tem o tipo de boca que sempre sustenta um sorriso leve, e tem um cheirinho de canela. Se eu fosse hétero... entenderia o charme de Abby.

— Ei, Martin — digo, e minha voz soa estranha. Ele olha para mim. — Você vai à casa do Garrett amanhã?

— Eu, hã... Vai ter festa?

— Festa de Halloween. Você devia ir. Vou mandar o endereço.

Só uma rápida mensagem de texto para Martírio Abominável.

— Ah, pode ser — diz ele.

Ele se inclina para a frente e se levanta, tropeçando no cadarço logo em seguida. Então tenta fingir que é um passo de dança. Abby ri, ele sorri, e não estou brincando: ele faz mesmo uma mesura de agradecimento. Não sei nem o que dizer. Acho que existe um terreno meio indistinto entre rir de alguém e rir com alguém.

Tenho certeza de que esse terreno indistinto é Martin.

Abby se vira para mim.

— Eu não sabia que você era amigo do Martin — diz ela.

E essa é a declaração mais hilária do mundo.



PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween

Blue,

Eu nunca tentei montar uma fantasia que desse medo de verdade. Minha família gosta de fantasias engraçadas. A gente competia para ver qual faria meu pai rir mais. Minha irmã se vestiu de lata de lixo uma vez. Não o Gugu, de *Vila Sésamo*. Só uma lata cheia de lixo mesmo. E eu fazia sempre a mesma coisa. O conceito de um garoto de vestido sempre funcionou para mim (até que um dia parou de funcionar; eu estava no quarto ano e tinha uma fantasia incrível de melindrosa, mas aí me olhei no espelho e senti um choque elétrico de pura vergonha).

Agora, tento manter o delicado equilíbrio entre simplicidade e ousadia. Não consigo acreditar que você não vai se fantasiar. Não percebe que está desperdiçando a oportunidade perfeita de ser outra pessoa por uma noite?

Com decepção,
Jacques

<ENVIADO 30 OUT 21:56>

PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com
DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween

Jacques,

Me desculpe por desapontá-lo. Não tenho nada contra fantasias, e o que você diz faz todo sentido. Entendo perfeitamente o prazer de ser outra pessoa por uma noite (ou o tempo todo). Na verdade, eu também repetia a mesma coisa quando era pequeno. Era sempre um super-herói. Acho que gostava de me imaginar com uma identidade secreta complexa. Talvez ainda goste. Talvez esse seja o sentido destes e-mails.

Mas não vou me fantasiar este ano porque não vou sair. Minha mãe tem uma festa do trabalho, então tenho que ficar em casa distribuindo doces para as crianças que aparecerem. Convenhamos, não tem nada mais triste do que um garoto de dezesseis anos sozinho em casa no Halloween atendendo à porta fantasiado.

Sua família parece interessante. Como você convencia seus pais a comprar vestidos? Você devia ficar ótimo de melindrosa. Seus pais também tentavam arruinar todas as suas fantasias para adaptá-las ao clima? Lembro de um ano em que dei um chique ridículo porque O LANTERNA VERDE NÃO USA GOLA ROLÊ. Mas agora eu vejo que ele usa, sim. Desculpa aí, mãe!

Espero que você curta seu dia de folga de ser Jacques. E espero que todo mundo goste da sua fantasia de

ninja (é isso, né? A mistura perfeita entre simples e ousado?).
Blue

<ENVIADO 31 OUT 8:11>

PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween

Ninja? Foi um bum palpite, mas não.
Jacques

<ENVIADO 31 OUT 8:25>

PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween

Aaaah, corretor de merda. BUNDA palpite.

<ENVIADO 31 OUT 8:26>

PARA: bluegreen181@gmail.com
DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween

AAHHHH!!!!!!
BOM palpite. BOM. Céus. É por isso que nunca escrevo do celular.
Vou ali num cantinho morrer de vergonha e já volto.
J

<ENVIADO 31 OUT 8:28>



SINCERAMENTE, NÃO TEM nada melhor do que Halloween numa sexta-feira. O dia na escola é meio eletrizante, o que parece deixar as aulas menos chatas e os professores, mais engraçados. Estou com orelhinhas de gato de feltro presas com fita adesiva no capuz do casaco e um rabo preso na calça. Pessoas que nem conheço sorriem para mim nos corredores. Riem de um jeito legal. É um dia incrível.

Abby vai para casa comigo; vamos andando até a casa de Nick mais tarde, e Leah vai buscar todos nós lá. Leah já tem dezessete anos, o que faz diferença na Georgia. Eu também dirijo, mas só posso levar mais uma pessoa no carro além de Nora, sem discussão. Meus pais não são rigorosos com muitas coisas, mas são ditadores quando o assunto é direção.

Abby desaba no chão agarrada a Bieber assim que entramos na cozinha. Ela e Leah podem não ter muito em comum, mas as duas são obcecadas pelo meu cachorro. E Bieber está pateticamente deitado de costas, a barriga exposta, olhando para Abby com uma expressão sonhadora.

Bieber é um golden retriever de olhos grandes, castanhos e meio alucinados. Alice ficou muito satisfeita quando teve a ideia do nome, e não vou mentir: é perfeito.

— Onde vai ser? — pergunta Abby, olhando para mim.

Ela e Bieber estão entrelaçados em um abraço eterno, a tiara dela caindo sobre os olhos. Muitas pessoas usaram uma fantasia simples na escola, só orelhinhas de animais, máscaras e coisas assim. Abby resolveu aparecer com uma toda elaborada de Cleópatra.

— A casa do Garrett? Fica em algum lugar na Roswell Road, eu acho. Nick sabe.

— Então basicamente quem vai estar lá é o pessoal do futebol?

— É provável. Não sei.

Eu recebi uma mensagem do Martírio Abominável confirmando presença. Mas acho melhor não mencioná-lo nesta conversa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Com amor, Simon"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).